

Revista Brasileira de Comércio Exterior

# RBCCE

A revista da FUNCEX

Ano XXXVIII

160

Julho, Agosto  
e Setembro  
de 2024

**As novas rotas da seda  
marítima e terrestre**

**Split Payment no Brasil**

**A importância do Trader  
para o comércio exterior**

Imagem de Gard Altmann por Pixabay



**FUNCEX**



**fundação  
centro de estudos  
do comércio  
exterior**

Ajudando o Brasil a expandir fronteiras

**EDITORIAL****2 Ganhos de comércio, política comercial e traders***Mário Cordeiro de Carvalho Jr.***ENTREVISTA****6 Roberto Medeiros Paula***Diretor Global Trade & Corporate Finance do Bradesco***COMENTÁRIO INTERNACIONAL****10 O MAM como sede do G20: de volta a seus dias de glória***George Vidor***AMBIENTE DE NEGÓCIOS****12 As novas rotas da seda marítima e terrestre***Claudia Hausner***CÂMBIO****16 Nova Política Cambial: Percepção do Mercado e o Posicionamento do Brasil nos Centros Financeiros Globais***Zilda Mendes***20 A implementação do *Split Payment* no Brasil***José Henrique Donisete Garcia de Campos, Paulo Cícero de Freitas Augusto Pereira e Fernanda Pastorelli***TRADERS****23 O papel da BRCC e a importância das empresas comerciais exportadoras brasileiras e de seus *traders* num mundo multipolar***Alfredo Cotait Neto***26 O crescimento de aventureiros no mercado de exportação de *commodities*: desafios e oportunidades***Alexander Von Erlea***29 Formação de *traders* de recursos naturais renováveis no Brasil***Renato Pitta***REGULAÇÃO****34 Governança Regulatória e transparência no setor elétrico***Fabianna Klaus Costa Camacho***40 Dispositivo médico de tecnologia assistiva: modo de entrada e internacionalização de uma *medtech* brasileira no mercado do Reino Unido***Abdul Temporario***LOGÍSTICA****48 Inovações e eficiência de custos na logística de exportação de algodão no Brasil: desafios e oportunidades***Natália de Araújo Saconi***52 *Demurrage*: cobrança excessiva e onerosa para os operadores de comércio exterior***Sérgio Pereira*

# O MAM como sede do G20: de volta a seus dias de glória



George Vidor

George Vidor  
é jornalista e economista

O Museu de Arte Moderna (MAM) é uma preciosidade no Rio de Janeiro. Embora tenha perdido parte de seu acervo em um incêndio anos atrás, o MAM abriga um conjunto de obras importantes de artistas do século XX. Nacionais e estrangeiros.

O próprio museu é uma obra em si. Projeto do arquiteto Affonso Eduardo Reidy – que fez uso de grandes vãos livres, um desafio para a engenharia da época –, concebido em 1952, o MAM foi construído sobre um aterro, bem próximo ao Aeroporto Santos Dumont e ao bairro da Glória.

A Baía de Guanabara perdeu considerável espaço para esse aterro (que foi estendido nos anos 1960 até o bairro de Botafogo; a área foi batizada como Parque do Flamengo, com jardins projetados pelo renomado paisagista Roberto Burle Marx). Até hoje muitos dos antigos moradores se referem ao parque como “o aterro”, entre os quais me incluo.

Além de ser o maior espaço de lazer ao ar livre no Rio – excluindo as praias, obviamente – o aterro possibilitou a expansão de outros bairros da Zona Sul, com linhas expressas fazendo a ligação viária entre o centro, que sempre concentrou muito das atividades comerciais e de serviços da cidade (por isso mesmo, região de grande circulação de pessoas e veículos) e o Leme, Copacabana e a Urca, por exemplo.

A criação do MAM foi muito inspirado na experiência do MoMA, de Nova York. Nelson Rockefeller foi um dos entusiastas da iniciativa – tanto lá como de cá – por muito tempo era considerado uma espécie de padrinho do museu. Coincidência ou não, a criação do MAM foi uma das molas propulsoras da valorização de obras de arte moderna no Brasil, com a multiplicação do número de colecionadores e apreciadores. Juntamente com a Escola Nacional de Belas Artes, os cursos ministrados no MAM contribuíram significativamente para a formação de vários pintores e escultores nos anos 1960 e 1970.

O aterro, desde sua origem, sempre foi palco de grandes eventos. O primeiro foi um congresso eucarístico que mobilizou a cidade na primeira metade da década de 1950. E o MAM abrigaria diversos congressos, feiras e outros eventos relacionados à economia, antes que o Rio passasse a contar com outros centros de convenções mais apropriados para tal.

Em 1967, o MAM foi o local escolhido para uma reunião anual do Fundo Monetário Internacional. Era então habitual que o FMI realizasse algumas de suas reuniões anuais fora da cidade-sede (Washington, DC). Nos anos 1960, o FMI mantinha forte influência sobre a economia global, como tutor das regras do Acordo de Bretton Woods (de 1944). Para compensar o peso dos Estados Unidos, como maior detentor de quotas da instituição, geralmente para a presidência do Fundo era comum ser indicado alguém do continente europeu. O acordo de Bretton Woods foi na prática detonado em 1973, quando os Estados Unidos suspenderam unilateralmente a conversão obrigatória, por uma paridade fixa, de dólar em ouro, e vice-versa. O câmbio flutuante se generalizou, sem parâmetros previamente definidos em qualquer entendimento internacional.





Mesmo assim, o FMI seguiu com a sua função de pronto-socorro para países membros que enfrentem crises a partir de expressivos desequilíbrios temporários de balanço de pagamento, tarefa que lhe fora atribuída pelo Acordo de Bretton Woods.

Voltando a 1967, a reunião anual do FMI foi um relevante acontecimento no Brasil. Por vários dias, figurou nas manchetes da imprensa local e até no exterior. A capital federal já havia sido transferida para Brasília, mas o Rio continuava como centro das decisões econômico-financeiras do governo federal. As representações diplomáticas estrangeiras estavam todas ainda alojadas no Rio. E a cidade não tinha perdido para São Paulo a condição de principal polo financeiro do país.

Diante da presença de dezenas de delegações, para dar apoio à reunião foi construído um anexo provisório em um dos jardins do MAM. Esse anexo “provisório” virou depois quase permanente, tornando-se a sede do primeiro Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmec), que teve origem no departamento técnico da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro. Em uma das salas desse anexo, funcionou, por algumas semanas, de maneira improvisada – muitas goteiras em dias de chuva – a primeira diretoria da Comissão de Valores Mobiliários (aproveito aqui para fazer propaganda do livro que escrevi sobre os primeiros 40 anos da CVM; a versão impressa está disponível na biblioteca da entidade e a versão digital tem acesso gratuito no site da CVM).

Provavelmente como reconhecimento do Rio como um dos principais cartões postais do país, o governo escolheu a cidade para reunião do G20. E tomou a feliz decisão de que o encontro fosse realizado no MAM. O anexo “provisório” ao museu já não existe mais, e em seu lugar há uma concorrida casa de shows, em construção permanente, que fora projetada pelo próprio Affonso Reidy.

O Brasil deu assim a devida importância à reunião do G20, reforçando a corrente dentro do Itamaraty que atribui papel importante ao multilateralismo. Somos uma nação que não tem inimigos, conflitos religiosos ou étnicos internos. Nem disputas regionais que possam afetar a integridade territorial brasileira. Tanto no governo Bolsonaro como no atual, escorregamos na função de manter um relacionamento harmonioso no continente. Mas tanto nas questões comerciais como nas financeiras, o Brasil tem conseguido avançar sem que opções políticas tenham perturbado esse processo. Prova disso foi o expressivo crescimento na corrente de comércio com os Estados Unidos, e após a China ter se tornado o maior parceiro comercial do Brasil.

Como membro dos Brics, o Brasil tem manifestado leve inclinação em favor da Rússia na agressão contra a Ucrânia, o que fica evidente nas palavras críticas do presidente ucraniano Zelensky quando se refere ao posicionamento de nosso país no conflito. O Brasil é dependente das importações de fertilizantes russos. E, também da Rússia, o país importa grande quantidade de óleo diesel, em outra dependência incômoda. No plano político-diplomático, o Brasil já não pode ser percebido como um mediador imparcial de conflitos, seja no Oriente Médio (as relações com o Irã azedaram qualquer tentativa de melhorar o relacionamento com Israel ou mesmo com nações árabes do Golfo Pérsico) ou na guerra da Ucrânia. A compra de caças Grippen da Suécia pela FAB, que não havia sido questionada anos atrás, quando a decisão foi tomada e o acordo de transferência de tecnologia firmado, repentinamente veio à tona. Claro que isso só pôde ocorrer depois de a Suécia dar por encerrada sua antiga neutralidade militar e passado a integrar a Otan.

Espera-se que a reunião do G20 possa ter reforçado a vertente multilateralista das relações exteriores do Brasil, a ponto de neutralizar efeitos negativos de alguns posicionamentos políticos do governo brasileiro no campo internacional (uma delas, a atitude bisonha em relação aos resultados das eleições presidenciais na Venezuela). Esperanças quanto à formalização de um acordo comercial entre Mercosul e União Europeias foram reanimadas – a França recuou de sua total objeção ao entendimento – e mais recentemente deu-se bons passos para a integração energética, com redirecionamento de gás boliviano para o Brasil, que antes se destinava à Argentina. Redirecionamento com a concordância do nosso vizinho da Baía do Prata, até porque a Argentina será, em futuro próximo, um grande produtor e exportador de gás, e para chegar ao Brasil, um dos caminhos será a infraestrutura de dutos boliviana.

Para a reunião do G20, o MAM foi brindado com uma auspiciosa reforma. O museu reabrirá de cara nova e quem sabe se a reunião com os mais altos dirigentes das principais economias do mundo não irá favorecer a realização que futuras mostras e exposições para deleite dos nossos olhos e todos os visitantes?